



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

GABRIELE MIRANDA BASTOS

Brasília – DF

2015

Gabriele Miranda Bastos

**A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília – DF

2015

BASTOS, Gabriele Miranda

A importância dos contos de fadas na educação infantil. Gabriele Miranda Bastos. Brasília: UnB. 2015. p. 55

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2015.

TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELE MIRANDA BASTOS

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão
Examinadora constituída por:

Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Táisa Resende Souza (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Data da aprovação: ___/___/___

A meus pais, Antônio e Selma Miranda, por todo esforço, e a amada Professora Tereza Cristina Siqueira Cerqueira pela grande admiração, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me acompanhado por toda a trajetória, sendo Ele o responsável por toda força que tive para a conclusão dessa etapa tão gratificante de minha vida.

A meus pais, minhas irmãs Lídia e Patrícia, ao meu noivo Kleriston, que com muito carinho e sabedoria apoiaram todo o meu percurso na universidade.

Aos meus sobrinhos, Matheus e Phelipe, por serem essas crianças maravilhosas quem enchem meus dias de alegria.

A minha orientadora, Fátima Lucília Vidal Rodrigues, pela sua paciência, por acreditar em mim e me fazer acreditar que era possível.

A querida Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, por me apoiar e por ser esse exemplo de ser humano. Obrigada!

As minhas amigas: Calígean, Jussara, Camila, Mayara, Priscilla, por todo apoio e conselhos, por me fazerem rir de todas as situações durante todos esses anos maravilhosos de nossa amizade. Vocês são muito queridas!

As Professoras Examinadoras Maria Alexandra Militão Rodrigues e Taísa Resende Sousa, pela leitura e disponibilidade de estar comigo neste momento.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a minha formação acadêmica. Deixo a todos o meu muito obrigada.

“Contos de fadas são a pura verdade. Não porque nos contam que dragões e bruxas existem, mas porque nos mostram que eles podem ser vencidos.”

Gilbert Keith Chesterton

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo apontar a importância dos contos de fadas para as crianças, para a escola e para o professor. Os contos de fadas são histórias que perduram por muitos anos e que suas modificações vêm sendo necessárias de acordo com as necessidades das crianças. Essas histórias têm suas narrativas simples e seus personagens por muitas vezes são compostos de heróis e bruxas, que desempenham papéis fundamentais na imaginação e criatividade das crianças. A escola e a família são fundamentais para o processo de formação do leitor crítico, sendo as mesmas responsáveis por mostrar o universo da literatura de modo prazeroso, não tornando a leitura como obrigação. O objetivo deste trabalho é analisar à luz das teorias, a importância do trabalho pedagógico com contos de fadas na educação infantil. Alguns autores nos ajudaram ao percurso histórico realizado para problematizar a temática em questão, são eles: Abramovich (2001), Bettelheim (2008), Ariès (1981), Corso e Corso (2006).

Palavras-chave: Criança, Contos de Fadas, Professor.

ABSTRACT

This essay aims to point out the importance of fairy tales for children, for school and for the teacher. Fairy tales are stories that last for many years and its modifications have been necessary in accordance with the needs of children. These stories has its simple narrative and its characters many times are composed of heroes and witches, which play key roles on the imagination and creativity of children. The school and the family are fundamental to the process of formation of the critical reader, which are then responsible for showing the world of pleasurable way of literature, not making reading as an obligation. The objective of this study is to analyze the light of theories, the importance of pedagogical work with fairy tales in kindergarten. Some authors have helped in the historical journey undertaken to discuss the issue in question, they are: Abramovich (2001), Bettelheim (2008), Ariès (1981), Corso e Corso (2006).

Keywords: Child, Fairy Tales, Teacher.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 11 |
| PARTE I | 12 |
| MEMORIAL | 12 |
| PARTE II - ENSAIO | 16 |
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1 – INFÂNCIA | 18 |
| 1.1 - A infância da Idade Média à Idade Contemporânea | 18 |
| 1.2 - A voz das crianças no século XX..... | 21 |
| 1.3 - O lugar das crianças | 24 |
| 2 – CONTOS DE FADAS | 26 |
| 2.1 - A origem dos contos de fadas..... | 26 |
| 2.2 - Características dos contos de fadas | 28 |
| 2.3 - A importância dos contos de fadas | 32 |
| 2.4 - Os prismas dos contos de fadas..... | 36 |
| 3 – CONTOS DE FADAS NA ESCOLA | 39 |
| 3.1 - A importância da leitura dos contos de fadas..... | 39 |
| 3.2 - A importância dos livros de história para educadores..... | 42 |
| 3.3 - Interesses das crianças pelos contos de fadas | 45 |
| 3.4 - O professor leitor | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| PARTE III..... | 52 |
| PERSPECTIVAS FUTURAS | 52 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso encerra o processo de formação inicial no curso de Pedagogia. Encontra-se organizado em três partes: memorial, ensaio bibliográfico e perspectivas futuras.

O memorial é um breve relato sobre minha história pessoal, que levaram a escolha do curso de Pedagogia e a escolher esse tema do ensaio bibliográfico.

O ensaio abrange três capítulos que abordam a infância, a história dos contos de fadas e sua importância para as crianças e um terceiro que traz aspectos dos contos para a prática educativa.

As perspectivas futuras refere-se as minhas intenções e expectativas como educadora.

PARTE I

MEMORIAL

Meu nome é Gabriele Miranda Bastos. Nasci dia 20 de março de 1993 na cidade de Brasília – DF na Região Administrativa do Lago Sul. Filha de Antônio Miranda Bastos, programador musical, nascido em Cachoeira do Ipajeú – MG e de Selma das Graças Miranda, servidora pública, nascida em Goiânia – GO, tenho duas irmãs Lídia Miranda Bastos e Patrícia Miranda Bastos ao qual vos admiro muito, e dois sobrinhos Phelipe Nathan Bastos de Lima e Matheus Vinícius Modesto Bastos, que me fazem cada dia mais feliz.

Minha vida escolar iniciou-se no ano de 1996 quando tinha apenas três anos, a primeira escola que estudei foi Escola Tagarela situada no Setor P.Sul Ceilândia – DF. Lá fiz todo o meu jardim de infância e as séries iniciais até a 4ª série, essa escola só me trouxe bons momentos e recordações maravilhosas, até hoje sou ligada afetivamente aos ótimos momentos vividos nesta escola. Nunca me esqueci das minhas queridas professoras chamadas carinhosamente de Tia Wanda, Tia Risoneide, Tia Iolanda, foram elas que me alfabetizaram e me mostraram a grande importância da leitura em nossas vidas. Também fui muito estimulada pelos meus pais, pois todos os dias eles chegavam do trabalho com gibis da Turma da Mônica e ficava ali horas lendo e relendo as maravilhosas historinhas em quadrinhos do Maurício de Souza.

Na minha 5ª série mudei para o Colégio Tiradentes onde fiquei até a 8ª série, foi lá que comecei a descobrir que não gostava muito das matérias de exatas, e que apesar de ser uma boa aluna, que realizava todas as atividades, como dever de casa, trabalhos, pesquisas, projetos, não tive boa relação com as avaliações. Descobri que as provas me deixavam muito nervosa e apesar de saber todo o conteúdo não conseguia responder as questões, ficava nervosa dava aquele famoso “branco”, esquecia naquele momento tudo o que sabia sobre determinado assunto. Por isso, minhas notas nos boletins bimestrais não eram tão boas e sempre escutava de meus professores: “Uma boa aluna, esforçada, dedicada, não consegue obter sucesso nas avaliações”. Por isso, acredito que apenas um método avaliativo não é muito justo, pois existem cerca de 30 jovens na mesma sala de aula vestidos em uniformes,

mas que são totalmente diferentes cada um tem seu modo de pensar e de compreender determinado assunto.

No meu ensino médio, mais uma vez, mudei de escola fui para o Colégio Juscelino Kubitschek em Taguatinga – DF foi lá que tive meus melhores anos escolares, pois é na adolescência vivi tudo muito intensamente, fui coordenadora da equipe de apresentação de um projeto das regiões do país, também coordenei visitas em casa de idosos, participei de feiras culturais e das profissões, nesses três anos me senti totalmente ativa e aprendi ser responsável com compromissos que havia assumido.

Quando cheguei no 3º ano, assustei um pouco quando começaram as cobranças para saber o que eu queria fazer para o resto da vida. Na minha família já tinha uma tradição de fazer faculdade na UnB, então comecei a procurar algum curso no qual meu perfil se encaixava. Quis ser de tudo um pouco, já quis fazer turismo, comunicação social, serviço social e cada vez ficava mais confusa e sendo cobrada.

Fiz todas as etapas do PAS, mas minha opção foi serviço social, logo depois de ter escolhido percebi que não teria condições emocionais para lidar com as situações da profissão. Fiz o vestibular no meio do 3º ano no qual vi vários dos meus colegas passarem e eu não tinha passado, foi uma época em que fiquei muito triste porque tinha gerado muito expectativa de passar naquele período, então estudei bastante para passar no final do ano, entretanto mais uma vez não tive êxito. Realizei a prova do ENEM, a qual me deixou muito feliz, por ter me dado algumas oportunidades de ir para uma universidade de outro estado, no entanto meus pais não me autorizaram ir para Palmas – TO.

No término do ensino médio no ano de 2010, não estava mais estimulada em ingressar em federais, porém mesmo assim meus pais me colocaram em um cursinho preparatório para vestibular que durava seis meses. Quando fui fazer minha inscrição para o vestibular, ainda estava em dúvida e deixei para fazer no último dia sem saber o que fazer, o prazo para a inscrição estava chegando ao fim. Nesta noite assistia o jornal e me deparei com uma reportagem muito interessante sobre educação, especificadamente da atuação do pedagogo, do professor e como sua relação com os alunos podem modificar

vidas e histórias, e assim fui fazer minha inscrição colocando como opção de curso pedagogia, a partir daí comecei a ficar mais atenta as questões e aos temas relativos à educação.

Depois que fiz o vestibular no mês de julho de 2011 logo depois fiz a inscrição para o IESB, pois não acreditava que passaria no vestibular. Um dia antes das minhas aulas na faculdade particular começarem, saiu à lista de aprovados do vestibular da UnB. Fui verificar na internet a aprovação de minhas amigas que se dedicaram muito para passar, mas fui surpreendida com a notícia que tinha passado. Foi uma alegria imensa, mas também aquela correria para cancelar a matrícula na outra faculdade e arrumar todos os papéis para a inscrição na UnB.

Quando cheguei à Universidade de Brasília não foi muito diferente, como todos os calouros, fiquei totalmente perdida até encontrar a Faculdade de Educação. Fui muito bem acolhida e me apresentaram na semana de recepção toda a Universidade, até me acostumar com a ordem dos prédios sendo FE1, FE3, FE5 levei um bom tempinho, mas hoje é um dos ambientes que mais gosto, por aqui o ambiente é muito calmo e tranquilo.

Desde que comecei o curso de pedagogia, sempre busquei uma diretriz para seguir. Sabendo que o curso é bastante abrangente, tendo como o pedagogo atuando nas mais diversas áreas, procurei desde o início me identificar com algumas dessas áreas para focar minha formação, porém conhecendo também as outras possibilidades.

Quando me deparei com a educação infantil fazendo estágio remunerado percebi que ali é o meu lugar, mas tenho a percepção do comprometimento e da responsabilidade que é formar crianças para serem bons cidadãos, refletindo que aquelas pequenas crianças podem mudar o mundo e isso é totalmente estimulante para seguir sendo professora.

Durante o curso me deparei com ótimos professores que contribuíram de maneira fundamental para a minha formação, acredito que no curso estou me tornando uma pessoa mais reflexiva, atenciosa e, muitas vezes, mais

compreensiva, tendo uma visão diferente da educação e da sociedade como um todo.

Minha trajetória pelos Projetos 3 e 4 iniciou de maneira bem confusa. Quando consegui entender como funcionava, e encontrar um Projeto que fosse da minha área de interesse não foi fácil. Apenas consegui pegar o Projeto 3 quando cheguei ao 4º semestre.

O Projeto 3 participei no Projeto de Economia Solidária com a Professora Sônia Marise. Foi ótimo todo esse tempo trabalhando na comunidade do Sol Nascente. Ter contato com uma realidade totalmente diferente da qual estou acostumada e trabalhamos com mulheres e crianças carentes o conceito de solidariedade e trabalhar como comunidade foi muito importante, todas as vezes que saíamos da comunidade me sentia muito bem, pois via que as mulheres que confeccionavam os artesanatos estavam muito felizes por seus trabalhos serem valorizados.

No Projeto 4 realizei as duas fases, fazendo observação e atuando na educação infantil de escolas particulares. Realizei minhas atividades do Projeto na educação infantil por ser minha área de interesse e ali no Projeto tive a oportunidade de estar praticando o que gosto muito.

Quando vim a refletir sobre o tema da monografia sempre me veio o interesse de trabalhar com conto de fadas, pois adoro a literatura dos contos, acho que saímos do nosso mundo real e nos deparamos com fantasias, mas o que me instigou é saber o que está por trás, o que está além da história e o que isso implica no desenvolvimento infantil.

Com a conclusão do curso de pedagogia pretendo atuar como professora da educação infantil e posteriormente fazer a pós-graduação na área de psicopedagogia.

O curso é ótimo tendo algumas falhas, mas nesse momento estamos vivenciando discussões para a reformulação do currículo e que os próximos alunos terão essa oportunidade de lidar com um currículo mais elaborado.

PARTE II - ENSAIO

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas surgiram há muito tempo e, até hoje tem cativado as crianças, despertando nelas um grande interesse. Com uma linguagem simples e com uma simbologia já estruturada, os contos de fadas fascinam e acompanham as crianças a um mundo de fantasias, de idealizações e dão sentido ao seu desejo de crescer e de mudar o mundo.

Esses contos caracterizam-se por apresentar uma situação de equilíbrio no início e conflito em seu desenvolvimento o que possibilita as crianças identificarem com esses conflitos e absorvem para si, como forma de resolução a seus próprios problemas. Além disso, eles contribuem para o desenvolvimento subjetivo das crianças, ao transmitirem a ideia de que a luta contra as dificuldades na vida é inevitável e, se a pessoa não se intimida diante delas e as enfrenta ela sairá vitoriosa. (Bettelheim, 2002)

Na escola é importante o papel que esses contos podem e sabendo utilizá-los e demonstrá-los é fundamental. O educador, para isso, precisa estar ciente de como as crianças dependem do seu trabalho para identificar o contexto dos contos de fadas.

Sabemos que os livros despertam muito interesse nas crianças e que devem ser introduzidos desde cedo em suas vidas. No entanto, o encantamento pelos livros somente será efetivo se houver estímulo tanto no ambiente familiar, especialmente no recorte dos contos de fadas quanto no escolar. Este ensaio procura mostrar a importância dos livros para as crianças.

Com isso o objetivo deste ensaio é analisar, à luz das teorias, a importância do trabalho pedagógico dos contos de fadas na educação infantil. Em geral há grande interesse das crianças por esse tipo de literatura e nos perguntamos até que ponto os professores trabalham com eles em sala de aula. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa. Este tipo de abordagem permite uma “ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo”. (TRIVINOS, 1926, p.133).

No primeiro capítulo apresentamos algumas considerações sobre a infância na Idade Média e a sua importância e valorização na sociedade Pós-

moderna. No segundo capítulo, trazemos o histórico dos contos de fadas e sua importância para as crianças. No terceiro capítulo retratamos ponderações sobre a importância dos contos de fadas na educação infantil.

Por fim, apresentamos algumas considerações acerca da temática e da análise realizada.

1 – INFÂNCIA

Neste capítulo temos uma discussão teórica sobre a infância na Idade Média e outra discussão sobre a infância na sociedade Pós-moderna, como essas crianças são vistas e sua atuação nessa sociedade.

1.1 - A infância da Idade Média à Idade Contemporânea

As informações a seguir fazem parte da obra de Ariès (1981) que retrata a criança e a família da Idade Média e Moderna. Elegemos esse autor como referência para a nossa discussão inicial.

De acordo com Ariès (1981) a infância era desvalorizada e sua duração era reduzida, rapidamente, à época, as crianças eram incluídas no mundo adulto onde lhes atribuíram trabalhos e as envolviam em jogos. Essas características da infância reduzida eram praticadas na Idade Média e fundamentais para o funcionamento da sociedade moderna.

A arte medieval demonstra claramente a desvalorização da infância, onde nas pinturas as crianças eram representadas como adultos, mas pintadas em uma escala menor, ou seja, as crianças muitas vezes ficavam desnudas, de barba, com a musculatura de adulto. Por mais que a pintura tivesse a intenção de retratar a infância, as crianças sempre eram descritas da mesma maneira. Para Ariès (1981, p.52) “[...] a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança era logo perdida.”

Ariès (1981) ainda afirma que os conhecimentos e os valores que eram transmitidos nessa fase da vida não eram proporcionados pela família, as crianças aprendiam o que era necessário ajudando os adultos.

Não havia uma distância clara entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e o dos adultos, assim como tampouco havia uma preocupação com a formação das crianças, pois nem havia uma clara ideia de que a infância, tal qual concebemos existisse. (CORSO e CORSO, 2006, p.26).

Percebemos ainda que essa fase tão importante para o desenvolvimento da criança não tinha nenhuma importância na sociedade tradicional. A infância começou a ter um pouco de valor na sociedade moderna,

mas ainda observa-se a ideia de visualizar as crianças como adultos mirins, exigindo dos pequenos, condutas de uma pessoa adulta.

Ariès (1981) certifica que as famílias eram constituídas apenas para preservar os seus bens materiais. Esse modelo antigo de família não tinha nenhum compromisso com a afetividade. As trocas de afeto eram realizadas por pessoas fora do âmbito familiar, como por exemplo, amigos, vizinhos, avós ou criados.

No fim do século XVII sob a influência de reformadores católicos ou protestantes a escola passa a exercer o papel de educadora, retirando as crianças do meio dos adultos e desconstruindo a lógica de um espaço único de aprendizagem. Ao se distanciar do mundo dos adultos, elas foram mantidas nas escolas, enclausuradas, se distanciavam da sociedade para que pudessem ser escolarizadas.

A partir do século XIX com essa reforma baseada nas Igrejas (Católica e Protestante) a família passou a ter laços sentimentais e afetivos, e passaram a perceber a importância da educação. Os pais passaram a se interessar pelos estudos de seus filhos.

A família passou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981, p.12)

Segundo Ariès (1981) durante o século XVII a infância estava ligada a uma ideia de dependência. Quando a dependência acabava, ou, quando a criança se tornava menos dependente, significava que ela estava saindo da infância.

O autor ainda explicita que o sentimento da infância, que é o reconhecimento da particularidade infantil que a diferencia do jovem ou do adulto, não existia. E, assim, logo que a criança se tornava menos dependente de seus pais ela era inserida rapidamente no mundo dos adultos.

As escolas na Idade Média não tinham idade exata para o início dos estudos, nesse caso poderiam estar presentes em uma aula, de crianças pequenas a adultos. A idade que se estimava para o início dos estudos era de dez anos, mas não existindo a preocupação com a idade, pois o que tinha importância era o conteúdo ministrado pelo mestre e o desejo de aprender dos alunos, por isso, era tão comum encontrar adultos misturados em um auditório infantil.

Nessa época as escolas não tinham o espaço físico extenso. Os mestres ministravam suas aulas em uma galeria ou pátio que tinham no mosteiro e também utilizavam a Igreja, segundo Ariés (1981).

Grande parte dos alunos moravam com os mestres, com os padres ou com os cônegos. Essas moradias eram concedidas mediante um contrato realizado entre os mestres e os pais, chamado também de contrato de aprendizagem.

Percebemos que o modelo adotado à época eram os internatos. Neles, as crianças passavam muito tempo enclausuradas em escolas, as quais não permitiam liberdade para realizar outras atividades que não fossem de caráter educativo para e com os responsáveis pelos internatos.

Os pais depositavam toda a responsabilidade da educação nesses internatos. Observamos que não havia uma preocupação com a criança receber o afeto e carinho. Os mesmos também não se importavam com as crianças novamente misturadas com os adultos, no momento dos estudos e nos internatos não havia separação entre crianças e adultos.

É possível observar que as crianças por mais que estivessem fora da realidade do trabalho adulto eram conglomeradas com os mesmos rapidamente, assim da mesma maneira ingressavam muito cedo no universo dos adultos.

O período da segunda infância-adolescência foi distinguido graças ao estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar. Durante muito tempo, no século XVI e até mesmo no século XVII, essa relação foi muito incerta. (ARIÉS, 1981, p.177).

Quando observamos as crianças da sociedade Pós-moderna percebemos o quanto o olhar para a infância vem se modificando. Para a sociedade, hoje, ver uma criança brincar, estudar, praticar esportes é um processo histórico-cultural da vida humana, mas não percebemos que para chegar à valorização da infância as crianças tiveram que viver em um mundo ao qual não pertenciam.

1.2 - A voz das crianças no século XX

Hoje existem leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Declaração dos Direitos das Crianças que auxiliam a sociedade mostrando os direitos da criança e do adolescente, fazendo com que essas crianças tenham uma infância com todas as estruturas necessárias para o seu desenvolvimento.

Segundo Müller (2010, p.14):

Crianças foram reconhecidas como sujeitos de direitos no século XX. Como consequência, chegou-se ao consenso de que elas não devem trabalhar, mas aprender e brincar em lugares planejados e construídos para elas.

As crianças passaram a ser vistas pela sociedade como o futuro da nação, como uma maneira de melhorar o mundo no qual vivemos, assim o Estado passou a investir na infância dando condições de segurança, educação e lazer dos mesmos, mesmo que só, plenamente, no papel.

Entretanto, essa preocupação e denominação das crianças como o futuro da nação veio perdendo suas forças mediante a ambiguidade da infância, tal como expressa por Prout (2010, p. 23):

[...] ambiguidade da infância, presa entre duas imagens que, embora sejam diferentes, são igualmente problemáticas: crianças em perigo e crianças perigosas. A primeira dessas imagens, crianças em perigo compõe a infância através de conceitos de dependência, vulnerabilidade e inocência idealizada [...] a segunda imagem, crianças perigosas, trata das crianças contemporâneas como uma ameaça a si mesma, às outras e à sociedade como um todo. Nessa imagem as crianças são vistas como personificadoras dos supostos males da sociedade [...]

Percebemos que as crianças mais uma vez vêm perdendo seu espaço diante a sociedade, onde antes eram inofensivas e necessitadas de atenção, carinho, cuidado, agora passaram a ser coadjuvantes dos quadros de violência impressos pela mídia. Esses casos sempre foram retratados de maneira exagerada pela mídia e vêm se agravando cada vez mais.

Todas essas atitudes e novas imagens da infância geram um sentimento de aumento de controle das crianças, fazendo com que esses casos isolados de violência cometida por crianças gerem uma política de prevenção, aprisionando as crianças frutos de um sistema fracassado.

Devemos fazer uma reflexão sobre o que propiciou para esse clima hostil entre a sociedade e a infância. O que está tornando nossas crianças violentas são os problemas sociais, como por exemplo, a pobreza, a vulnerabilidade.

De acordo com essa realidade, vivenciamos recentemente discussões a cerca da redução da maioria penal. Esta proposta define que jovens de dezesseis anos serão responsáveis por ações criminosas de natureza hedionda, homicídio doloso e lesão corporal grave.

Toda essa discussão gerou muitas reflexões de grupos a favor e contra a redução da maioria penal, gerando questionamentos, como: Será que solucionará deixar os jovens em regime carcerário? Será que restringir a liberdade desses jovens em um sistema precário que são os nossos presídios hoje, resolve? Somente jovens a partir de dezesseis anos cometem crimes?

São muitos questionamentos a cerca deste assunto, mas os deputados e senadores que nos representam estão observando apenas a criminalidade e não o que levou ou gerou tamanha violência em nosso país. Se voltassem seus olhos para as comunidades onde existem pessoas que passam por vulnerabilidade social e tentassem erradicar a pobreza, estaríamos em um país melhor.

Prout (2010) afirma que essas representações de crianças e infância como perigosas não são adequadas, afirmando ainda que a representação

correta é perceber a criança como um indivíduo social, podendo também ser inseridas na tomadas de decisão e na composição de políticas públicas.

O autor ainda explicita que durante o século XX, também chamado de “século da criança”, era priorizado a colaboração da sociedade para as crianças e não da criança para a sociedade.

Percebemos que as crianças desse século eram mais valorizadas, porem não tinham influências nas tomadas de decisões, eram controladas pela sociedade como um todo, não eram escutadas e os que as cercavam tinham o intuito de controle de todas as situações que as envolvessem.

De acordo com Prout (2010) as crianças somente passaram principalmente a serem percebidas como seres sociais ao término do século XX, mas também ocorreram vários questionamentos sobre a atuação das crianças, que eram de curto prazo, e que não geravam mudanças significativas e permanentes.

A promessa de ser ouvida é levada a sério pelas crianças, e o não cumprimento disso cria decepção e até mesmo cinismo em relação aos valores democráticos.

Em contrapartida, Lee (2010) explicita que a participação não significativa das crianças nas tomadas de decisões vem em decorrência da impossibilidade de fala na infância.

É possível que as habilidades das crianças em determinado ambiente de práticas de expressão simplesmente se tornem um déficit em outro. Quando solicitadas a falar informalmente, entre outras e com elas, as crianças se saem bem. Quando solicitadas a falar formalmente, sem apoio, sozinhas e por si próprias, elas não vão tão bem, pois continuam a agir como se estivessem em um contexto informal. (LEE, 2010, p.43).

Essa relação de pretensão da exclusão da voz da criança e seu não domínio da fala formal não justificam não escutar os pequenos. A partir do momento em que essas crianças são inseridas nesse meio de cultura e valorização de seus direitos, elas passam a perceber todo o movimento e formalidade existente nesse meio, sendo também um ambiente para a

aprendizagem. Percebemos que não existe confiança no potencial de aprendizagem das crianças.

Observar a criança como ser humano em processo de formação é consideravelmente normal, mas alegar que tais crianças, por estarem em processo de formação não estariam aptas a se expressar e ser ouvidas, não deve ser levado em consideração, pois por mais adulta que a pessoas sejam todos vivemos em processo de formação por toda nossa vida.

Sempre de alguma maneira somos levados a aprender coisas novas e diferentes, então se seguíssemos o pensamento de Lee (2010), nenhuma pessoa poderia ser ouvida ou ter voz ativa em alguma decisão.

É valoroso que as crianças sejam ouvidas e suas opiniões levadas em consideração acerca de assuntos que as estão afetando direta ou indiretamente. Toda criança tem suas próprias opiniões e tem direito de manifestar seu ponto de vista, cabendo a nós, adultos, respeitá-las, construindo um lugar de afeto em que possam ser acolhidas genuinamente.

1.3 - O lugar das crianças

Todos nós temos memórias e experiências vividas na infância. Elas estão vivas em nossas memórias, lugares e pessoas que fizeram parte de nossas vidas em momentos importantes, como uma simples brincadeira de rua, a partir da qual buscamos entender nossa biografia. Recordarmo-nos desses momentos e lugares repletos de saudades e alegrias.

[...] ao mapear suas biografias pessoais as crianças se envolvem com lugares como locais simultaneamente sociais e físicos, descrevendo como vieram a habitar e a pertencer a um lugar por meio de suas experiências nele e de sua utilização [...] A orientação das crianças enfatiza a experiência temporal de crescer, de conquistar independência e de vir a habitar os lugares de suas vidas por meio de movimentos corporificados e de conhecimento detalhado de lugares como concretos, locais. (CHRISTENSEN, 2010, p.145).

De acordo com Christensen (2010) conhecimento de lugar e percepção de lugar caminham juntos. O conhecimento de lugar vem acumulando e transformando ao longo da vida, isso decorre ao habitar e modificar esse

determinado lugar. Já o conhecimento espacial, está repleto de suas particularidades locais e seu conteúdo social e pessoal.

A partir dessa perspectiva, as crianças constroem um conhecimento situado em seu ambiente local, cheio de significações pessoais e sociais, edificado por meio de seu encontro diário com o mesmo. (CHRISTENSEN, 2010, p.149).

Para as crianças percebemos que para o lugar para estar vivo em sua memória necessita ter um valor significativo, seja por meio de experiências que facilitem para seu crescimento e desenvolvimento, ou simples recordações que tenham significados afetivos.

2 – CONTOS DE FADAS

Neste capítulo, em primeiro momento, abordamos a origem dos contos de fadas. Em seguida, trazemos aspectos de suas características, sua importância e algumas reflexões de autores que seguem linhas de pensamento diferentes sobre os contos de fadas.

2.1 - A origem dos contos de fadas

De acordo com Schneider e Torossian (2009), os contos de fadas fazem parte de uma modalidade literária que tem origem celta, criados por volta do século II a.C, no qual as mulheres mais velhas contavam as suas histórias, essas histórias caracterizavam por uma simbologia especial na educação das crianças.

A princípio, apesar de serem simbólicos na educação, não eram destinadas às crianças, pois suas histórias continham conteúdos sobre adultério, canibalismo e/ou incesto. Esses contos narravam o destino dos homens, eles eram contados por relatores que herdavam essa função de seu antepassado, sendo uma tradição de seu povo.

De acordo com Lajolo (1995) a valorização da infância se deu no início na Revolução Industrial, no século XVIII, quando a burguesia se estabilizou como classe social e buscou instituições que estivessem a seu favor. A primeira instituição, nesse momento, é a família, nela se tentou manter as divisões de trabalho, como por exemplo, o pai com o papel de apoiar financeiramente e a mãe gerenciar as atividades domésticas. Com essas atividades pré-estabelecidas pela sociedade burguesa, quem se beneficiava por esse esforço conjunto era a criança.

A criança passa a ter um novo papel, e com isso surgiram novas ferramentas e mecanismos que auxiliavam na valorização da vida infantil, como os brinquedos, os livros, a psicologia infantil, a pedagogia e a pediatria. Porém essa valorização vem de uma natureza simbólica na qual buscavam idealizar uma imagem de criança perante a sociedade, sendo assim a infância era de interesse dos adultos.

A segunda instituição que veio colaborar com a ideologia burguesa foi a escola, sendo ela facultativa até o século XVIII. As atividades que implicam na escolarização das crianças passam a ter um ciclo natural de obrigatoriedade,

como a frequência às aulas. Por normas legais, a escola passou a ser obrigatória para todos os segmentos da sociedade, fazendo com que as crianças que trabalhavam nas fábricas, como operárias, passassem a desocupar esses espaços para irem à escola.

A literatura infantil trouxe marcas evidentes desse período da Revolução Industrial, por ser uma sociedade que cresce por meio da industrialização, as obras literárias infantis transformaram em mercadoria.

Foram aperfeiçoando cada vez mais as imagens e a língua fazendo com que facilitasse o surgimento de novos gêneros literários se adequando as situações recentes, trabalhando com a realidade. Como essas literaturas eram trabalhadas nas escolas, as mesmas tinham o papel de avaliar se a linguagem estava adequada com a escolarização das crianças, ou seja, as obras literárias passavam por uma espécie de refinação da escola.

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo das obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outros, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, 1995, p. 18)

As primeiras obras publicadas com intenção de literatura infantil surgiram nas livrarias apenas na metade do século XVIII. Antes dessas publicações não existiram obras que fossem direcionadas ao público infantil, no século XVII existiam apenas obras para adultos, mas que poderiam ser apropriadas para crianças. Obras literárias como os “Contos da Mamãe Gansa” que tem como título original “Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades” de Charles Perrault, foram publicadas no ano de 1717. (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009).

Charles Perrault escutava as histórias de populares e fazia uma adaptação que tinha como intenção agradar a corte francesa empregando elementos para que a narrativa fique mais interessante e retirando elementos que falavam sobre a sexualidade ou rituais da cultura pagã e sempre no final do conto escrevia a moral da história. Esses elementos foram removidos das narrativas, pois Perrault queria evitar desagradar à corte francesa que estava em conflito religioso entre os protestantes e católicos.

2.2 - Características dos contos de fadas

Com o tempo e a valorização da vida infantil, esses contos foram modificados para amparar a vida imaginária das crianças, assim, construídas histórias populares baseadas na cultura que as cercavam. Esses contos com essa abordagem atual teve origem na Europa no final do século XVII e tinha como característica personagens que enfrentavam grandes batalhas e desafios com o intuito de vencer o mal.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. (BETHELHEIM, 2008, p.15).

Para que essa vitória seja exercida com êxito outra característica marcante é a presença dos heróis que desempenham funções fundamentais para o decorrer da história na qual a criança se identifica com esse personagem. Para Bettelheim

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (BETHELHEIM, 2008, p.16).

É característico dos contos de fadas colocarem um dilema existencial de maneira breve e incisiva (BETTELHEIM, 2008). Essa característica faz com que a criança visualize a problemática do conto, para que por meio da sua experiência atual, cabendo a ela escolher se aquela problemática abordada no conto se torna significativa. Isso tudo depende do momento em que ela está vivendo, se os seus problemas íntimos coincidem com os problemas do herói da história, dessa maneira a história se torna interessante, podendo até ser um processo de apropriação da determinada temática, e esse indivíduo vai descobrindo resoluções simbólicas para seus conflitos.

Outra característica dos contos infantis é o tipo de representação do livro, ou seja, deixa evidente o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo, mas em contrapartida temos a imaginação infantil que não é bloqueada

pelos recursos narrativos mostrando que sua imaginação vai além daqueles recursos presentes no livro, criando outra idealização de mundo. Assim, por mais que os adultos queiram controlar a realidade mostrada para a criança, o mundo vai se apresentando de diferentes formas e as crianças vão crescendo e se tornando mais fortes.

Os contos de fadas caracterizam-se por possuir uma simbologia fixa, já estruturada, com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Entretanto, o que garante o sucesso dos contos de fadas (das versões que contamos atualmente), entre as crianças, é a utilização de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias.

Os personagens são simples. São seres que apresentam qualidades ou defeitos exageradamente destacados. Entre os tipos figuram os pais, a madrasta, a avó, as cortes do rei, os trabalhadores que entram em alguns contos como povo que sofre e batalha, as bruxas, os monstros e as fadas.

Também aparecem como personagens, animais (os três porquinhos, o lobo presente no conto da chapeuzinho vermelho) e objetos, igualmente animados (espelhos, vassouras). Estes objetos personificam o orgulho, a modéstia, a covardia, a beleza, a feiura, a mágica, a bondade ou a maldade. A simplicidade e a presença de qualidades e defeitos reais favorecem o destaque e a identificação que as crianças fazem em relação aos contos, essas qualidades são destacadas na história. Em geral a bondade vence a maldade, a coragem a covardia e assim por diante.

O ambiente onde ocorrem as ações das histórias é distante e confuso, nunca detalhado, sendo caracterizado por expressões como “Num certo reino” para indicar o espaço, ou “ Era uma vez” para referir o tempo, o que deixa aparecer imagens de um universo maravilhoso e traz a ideia cronológica das histórias.

Quanto à estrutura dos contos de fadas é extremamente simples, o que talvez contribua para seu sucesso junto às crianças. A narrativa inicia com uma situação de equilíbrio, que é alterada pelo conflito por parte do herói. A seguir a personagem, com a ajuda dos seres ou objetos mágicos, vence os obstáculos saindo vitoriosa e garantindo um final feliz.

Bettelheim (2008) salienta a importância de se apresentar os contos de fadas ao público infantil em sua versão original. A omissão de qualquer um dos elementos citados rompe a cadeia simbólica, apresentada na íntegra da história, desfazendo seu efeito sobre o inconscientemente do leitor.

Muitos pais, professores e pedagogos se perguntam se os contos de fadas não são muito assustadores. Conforme Sandroni e Machado (1987) existem uma tendência de censurar episódios considerados violentos.

No entanto, as bruxas, os gigantes, os anões e os lobos desempenham uma atração muito grande sobre criança, pois ela gosta de enfrentar e vencer o medo. Além disso, é importante esse contato para que ela conheça os aspectos sombrios da vida. Histórias assim podem ajudá-la a lidar com sentimentos fortes, como o medo ao ser protegida pela proximidade do pai e da mãe.

Da mesma forma, acontecimentos familiares expostos nos contos de fadas têm grande importância, porque a criança precisa saber que é igual a todo mundo, que outros vivem experiências semelhantes as suas.

Percebemos, então a importância de não ocultar nenhum fato para amenizar a história para não assustar a criança ou deixá-la com medo da situação que o herói esteja vivendo. Isso só fará o conto perder sua natureza, sua riqueza e sua importância para as crianças.

Pode se dividir os contos de fadas em quatro etapas segundo Cashdan (2000), sendo cada etapa da jornada uma estação no caminho da autodescoberta.

A primeira etapa é a travessia. Essa etapa leva o herói a uma terra diferente, marcada por acontecimentos mágicos e por criaturas estranhas. Esse passo inicial é principiado por algum tipo de situação embaraçosa. A busca de uma solução para esse dilema leva o personagem a uma paisagem desconhecida, um ambiente cheio de ocorrências estranhas.

Cada travessia contém uma mensagem implícita para os jovens leitores; para crescer, a pessoa precisa explorar examinar, correr riscos. A infância é um período de apreensão em relação ao desconhecido; medo do escuro, preocupações com a escola, ansiedade por fazer novos amigos, e pelo corpo em mudanças.

Em muitos contos de fadas, o desconhecido é simbolizado por uma floresta, ou simplesmente “o bosque”. O bosque é onde moram os animais perigosos, e onde as feiticeiras e as bruxas têm suas casas, onde formas estranhas começam a se materializar, surgem animais misteriosos, objetos encantados, ajudantes bondosos e, finalmente, a bruxa.

Boa parte das histórias infantis ocorre na floresta ou inclui a tarefa de atravessá-la. É o espaço por onde passa a missão de sair para o mundo para provar algum valor, como ser capaz de sobreviver aos seus perigos, trazer um objeto ou tesouro, tarefas mais usuais dos heróis dos contos de fadas. (CORSO, CORSO, 2006, p.37).

Essa travessia dá lugar à *segunda etapa* que é a do encontro com um ser diabólico: “a bruxa”, que pode aparecer na forma de uma madrasta malévola, um mago assassino, um mago ameaçador etc.

A bruxa é o obstáculo que a criança precisa ultrapassar, para que a jornada tenha sucesso. Ela personifica aspectos pouco saudáveis do eu, contra os quais todas as crianças lutam. Ela é a figura que dimensiona a luta entre o bem e o mal.

O encontro com a bruxa envolve perigo, como a realização de “tarefas” impossíveis. Impossíveis devido a um limite de tempo para serem concluídas. O encontro com a presença diabólica na história força a criança a ficar cara a cara com tendências pouco saudáveis que habitam dentro dela mesma, no momento em que transformam essas tendências em características concretas da bruxa.

Enfrentar a bruxa, portanto, torna-se um ato de auto-reconhecimento, um meio pelo qual as crianças são forçadas a encarar partes delas mesmas que, de outra forma, poderiam ser negadas ou ignoradas.

A *terceira etapa* é a conquista. O herói ou heroína mergulha numa luta de vida ou morte com a bruxa, que leva à destruição dessa última. Se as crianças esperam superar pensamentos que incomodam e impulsos pouco saudáveis, a bruxa precisa morrer. Somente com a destruição da bruxa a pessoa consegue garantir a erradicação das partes más do próprio eu e a superioridade das partes boas. A morte da bruxa assinala a vitória contra o vício, um sinal de que as forças positivas do eu prevaleceram.

A viagem se encerra com a *última etapa* que é a da celebração. Um casamento ou uma reunião da família, em que a vitória sobre a bruxa é enaltecida e todos vivem felizes para sempre. Um final feliz em que as forças positivas do eu assumiram o comando.

Essas etapas descritas fazem parte das histórias dos contos. Sempre temos nas histórias momentos de uma situação embaraçosa, ou o medo do desconhecido, o encontro com um personagem que pretende dificultar o caminho do herói, assim o mesmo destrói esse personagem e conquista seu objetivo, pode ser ele a salvação de uma princesa, de algum objeto significativo para esse herói.

Percebemos que essas etapas são realmente seguidas de uma forma fiel ao que foi descrito pelo autor. Sendo importante para o seguimento das histórias que existem conflitos, mas que no final o mal sempre será vencido e que tudo se solucionará, dando um conforto para os leitores ou ouvintes.

2.3 - A importância dos contos de fadas

Durante muito tempo os contos de fadas foram esquecidos, desprezados e eliminados sob a argumentação de serem irrealistas e violentos, em vista de suas histórias serem sempre exageradamente dramáticas. Somente depois que a psicanálise desmistificou a “inocência” e a “simplicidade” do mundo da criança. Bettelheim (2008).

Mesmo existindo há bastante tempo, os contos de fadas ainda encantam e interessam crianças e adultos. Isso se deve ao fato de que essas histórias estão num mundo maravilhoso, cheio de fantasias, com a dominação de bruxas, fadas e duendes e com personagens simples que deixam as histórias mais atraentes.

Além disso, o seu valor duradouro permanece vivo até hoje porque os contos têm o poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento.

Os contos de fadas são fundamentais para as crianças entenderem o momento que elas estão passando para então, poder encontrar respostas para seus conflitos. Segundo Bettelheim:

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fada será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. (BETTELHEIM, 2008, p. 20).

Segundo este autor, os pais receiam que os contos de fadas afastem as crianças da realidade, através de mágicas e de fantasias e também que os filhos os identifiquem com bruxas, ogros, madrastas e, assim, deixem de amá-los.

Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas às crianças que ela deveria mostrar somente o lado agradável das coisas. Assim com o tempo os contos vem se modificando para que seja agradável aos pais. Mas o contato com o medo, o que é feio é que faz a criança encarar e superar seus próprios medos e desafios da vida.

De acordo com Bettelheim (2008) uma criança confia no que os contos de fadas dizem porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua.

Essas Histórias são muito importantes para as crianças e para a formação de sua identidade à medida que essas histórias ajudam as crianças na compreensão do real, fornecendo-lhes modelos de estruturas sociais e comportamentos que facilitam o entendimento do mundo adulto. Conforme salienta Cashadan (2000, p. 99):

Durante o processo de crescimento, as crianças descobrem que o mundo é cheio de maravilhas, e que precisam aprender a ficar atentas a elas, de modo a evitar maiores desastres. Além de todas as outras coisas que representam, os contos de fada dão às crianças a oportunidade de praticar a solução de problemas. Os dilemas enfrentados pelos heróis ou heroína ensinam às crianças que elas podem ser bem-sucedidas no mundo, se utilizarem seus recursos internos.

Segundo Pikunas (1979) a idade entre dois e três anos caracteriza-se pela fase da leitura do realismo mágico. Trata-se de um período em que a criança deixa-se levar pela fantasia. É a idade dos contos de fadas. Essa afirmação pode ser evidenciada abaixo:

Durante os primeiros anos de meninice, as atividades lúdicas tornam-se cada vez mais criativas e dramáticas à medida que a imaginação da criança floresce. Ao imitar os adultos, outras crianças, tipos de televisão, várias situações tipo “faz de conta” são encenadas com miniaturas de tipos humanos e animais, instrumentos do lar, bonecas, bola, argila e o que quer que haja em disponibilidade. “O equipamento de uma criança precisa estar relacionado com a idade e ser bastante variado para não restringir o “faz de conta” e as atividades relacionadas. Para a criança é com ser capaz de imitar as atividades da brincadeira de acordo com suas preocupações e interesses do momento. Ela precisa estar livre para explorar seu ambiente próximo e distante, bem como para procurar partes de detalhes a fim de obter entendimento de seus arredores e de si própria. É por isso que as crianças ensaiam muitas vezes suas experiências menos usuais e excepcionais até que estas comecem a fazer-lhes sentido (PIKUNAS apud PIAGET, 1936/1952: ALMY, 1966, p.217).

O crescimento da imaginação aumenta aos cinco anos. Nessa oportunidade as crianças mostram muito interesse pelas atividades “faz de conta” em que personificam e retratam suas aventuras passadas, espetáculos de televisão e atividade de adultos.

Segundo o psicanalista Bettelheim (2008), a criança, ao se assemelhar com os problemas do herói, tende a solucionar seus próprios conflitos interiores. O final feliz do conto dá à criança um novo contentamento e a certeza de que seus problemas e suas angústias serão solucionados. O destino desses heróis convence a criança que ela pode sentir-se abandonada no mundo, mas no final alcançará a felicidade.

É importante que nenhum adulto tente mostrar por que essas histórias são interessantes, pois isso irá destruir todo o encantamento dos contos, pois os mesmos só alcançam um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre os significados ocultos, recriando essa descoberta para si. Segundo Bettelheim:

Explicar para uma criança porque um conto de fada é tão cativante para ela, destrói, acima de tudo, o encantamento de história, que depende, em grau consideravelmente, de criança não saber por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda de potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, rouba da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós

mesmos, por termos entendido ou resolvido problemas por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros. (BETTELHEIM, 2008, p. 28).

Enquanto divertem a criança, os contos de fadas a esclarecem sobre si e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade. Essas histórias dirigem a criança à descoberta de sua identidade e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver seu caráter. Também declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa, mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino.

Bettelheim (2008) enfatiza muito os sentimentos com os quais todo ser humano se depara sempre: medo, solidão, insegurança. É por isso que são e serão sempre atuais. E as crianças sempre que puderem se utilizarão deles para aprenderem a lidar com as “coisas” do mundo.

Os contos de fadas permanecem vivos por serem obras de arte de alta qualidade, e também por suscitarem o que há de mais profundo na alma humana: nossos medos mais profundos, mais dramáticos, mais atingidos: nossas angústias mais terríveis e nossas alegrias mais animadoras.

São histórias que retratam bem a realidade. As crianças identificam-se muito com os contos de fadas como forma de superação de seus problemas. Mexem com os medos das crianças, com o inconsciente, com o consciente, com o imaginário.

Góes (1984) afirma que os contos de fadas foram efetivados como literatura infantil, no momento em que a infância era desvalorizada.

Os contos trabalham com as dificuldades internas das crianças e durante a leitura, muitas vezes, elas se identificam com os personagens e aos poucos, resolvem seus próprios conflitos. Quem já não presenciou uma criança pedindo para lermos várias vezes o mesmo conto? Na verdade, tem a ver com a história dela e não somente com o enredo do livro.

Os contos de fadas permanecem vivos porque são livros de alta qualidade e são eles que trabalham com as dificuldades internas pelas quais todas as crianças passam. Esses contos mexem no que há de mais profundo nas pessoas: medos, angústias, alegrias. As crianças se identificam com os personagens a fim de resolver seus conflitos, encontrando neles conforto, uma segurança.

Conforme esclarece Cashadan (2000, p. 52): “grande parte do que acontece num conto de fada espelha a luta que as crianças vivenciam contra as forças do eu, forças essas que enfraquecem sua capacidade de estabelecer e sustentar relacionamentos significativos”.

A contribuição dos contos de fadas para subjetivação das crianças é importante para o seu desenvolvimento. Os contos, ao transmitirem a ideia de que a luta contra as dificuldades na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, logo, trazem também a ideia de que se a pessoa não se intimida, e enfrenta o perigo, ela sairá vitoriosa. Isso alivia o coração das crianças, dá a elas mais coragem e mais entusiasmo diante dos problemas. É a força do imaginário que é fundamental.

Não apenas os contos de fadas, mas as histórias em geral, são importantes para a infância pela identificação, pelo imaginário e pelas circunstâncias que a criança está vivendo naquele momento. A criança vive a história, ela mexe com o inconsciente, com o imaginário, com as frustrações e com o medo.

2.4 - Os prismas dos contos de fadas

No universo dos contos de fadas encontramos muitas reflexões sobre seus significados e suas importâncias. Dentre todas essas informações encontra-se Corso e Corso (2006) que apresentam uma perspectiva francesa, que se soma a linha de pensamento de Bettelheim, com a sua origem inglesa, e Steiner (2012), que retrata os contos de fadas na visão antropológica. São visões diferentes, mas que têm sua centralidade na infância e no cuidado em analisar e enriquecer os estudos nessa área.

Corso e Corso (2006) explicitam que na perspectiva de Bettelheim os contos que perduram tempos, são contos que foram se adaptando com as necessidades da inconsciente infantil atual. Segundo esses autores sua prospecção é de que a permanência de alguns contos não tem essa propriedade altamente ligada ao desenvolvimento e resolução de conflitos no inconsciente, algumas dessas histórias perduram apenas pelo seu caráter ilustrativo ou representativo.

Sendo assim, o conto ideal deveria ser narrado ou lido e não trazer ilustrações. As figuras forneceriam as imagens que a criança deveria providenciar sozinha a partir da sua própria experiência. Se viessem de fora, ela não faria um esforço e com isso sua futura capacidade de imaginação ficaria afetada. (CORSO e CORSO, 2006, p. 166).

Steiner (2012) afirma que os contos de fadas estão mais profundamente na alma humana do que as tragédias, pois os contos de fadas repercutem no inconsciente e as tragédias nos levam a sentimentos que nos possibilitam colocar no lugar da pessoa que está vivendo a tragédia.

Conforme esclarecem Corso e Corso (2006) os contos de fadas são extremamente repetitivos, uma literatura mais extensiva nesse território revela que a mesma fórmula aparece com variações apenas superficiais, sob vários títulos.

De acordo com Corso e Corso (2006) os contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador. Os autores ainda afirmam que esse elemento fantástico ou maravilhoso tem uma função de delimitar o real e o irreal mostrando que está em outra dimensão, em outro mundo.

Segundo Bettelheim (2008) para que uma história seja considerada um conto de fadas é indispensável o elemento fada ou herói para a resolução de conflitos, ou seja, não considerando então as obras como Patinho Feio e Cachinhos Dourados como um conto de fadas.

No entanto, Corso e Corso (2006) demonstram que existem elementos nessas histórias que os levam a considerar como conto, como por exemplo, o fato dos ursos se alimentarem em tigelas e de diversos animais conversarem sobre a angústia de um patinho.

Percebemos que na abordagem de Bettelheim (2008) são considerados contos as histórias que existem superação do exterior para a resolução de um conflito, como por exemplo, confronto de herói com bruxas, dragões ou monstros, não levando em consideração a superação do interior, citados por Corso e Corso (2006) para quem a circunstância de o patinho ter nascido diferente e ser considerado feio, não seguindo os padrões estabelecidos pelos demais que o cercavam, contribuíram para o desenvolvimento de conflitos como

a angústia e a rejeição que foram superados com a descoberta de ser um lindo cisne.

Contudo, Steiner (2012, p. 14) evidencia que os contos não atingem apenas determinados momentos da vida humana.

[...] o que se expressa nos diferentes contos de fadas não é aquilo que pode atingir o homem numa situação específica da vida, não é um círculo limitado da vivência humana, e sim algo tão profundo, nas vivências da alma humana, que passa a ser comum a toda a humanidade. Não podemos dizer que a alma de uma pessoa qualquer de determinada idade, ao passar por determinada situação, possa descobrir alguma coisa; mas o que expressa nos contos de fadas está enraizado tão profundamente na alma que a pessoa vivencia seja ela uma criança na primeira fase da infância, um adulto de meia-idade ou uma pessoa idosa.

Bethelleim (2008) apresenta uma resistência aos contos modernos, mostrando que ao individualizar e nomear personagens que na sua essência são do coletivo, como por exemplo, na história da Branca de Neve os sete anões fazem uma analogia aos sete dias da semana, nomear esses personagens interferem com a compreensão do inconsciente. Ele ainda afirma que essas alterações realizadas pela modernidade dos contos podem destruir os mesmos, pois tornam mais difícil alcançar o real significado da história.

Steiner (2012) explicita que a luta interior ligada ao fator externo só ocorre no momento no qual a pessoa está inconsciente, ou seja, quando adormece.

As três abordagens são de extrema importância, levando em consideração que os contos não são apenas histórias de bruxas e heróis que demonstram força e coragem, mas também trazem questões conflitos internos do sujeito e que suas ações estão além do que podemos imaginar os contos de fadas atuam profundamente na alma humana não se limitando a uma situação específica da vida.

3 – CONTOS DE FADAS NA ESCOLA

Nesse capítulo abordamos, inicialmente, a importância da leitura dos contos de fadas. Em seguida, trazemos aspectos da importância dos livros de história para os educadores, também mencionando o interesse das crianças pelos contos de fadas e finalizamos pontuando o papel fundamental que o professor exerce também como leitor.

3.1 - A importância da leitura dos contos de fadas

Sabemos que atualmente que são indiscutíveis o valor e os ganhos que os livros têm na vida das crianças. As histórias proporcionam uma viagem ao mundo desconhecido do imaginário da fantasia, das emoções. Conforme expressa Abramovich (1999, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Nessa citação, podemos perceber a tamanha importância que os livros têm e as inúmeras aventuras que se pode viver durante a leitura. Para as crianças a leitura vai mais além. Bettelheim (2002, p. 68) relata que: “para elas ler significa penetrar e participar do mundo secreto dos alunos”. Assim sendo, a leitura é uma aventura diferente e fascinante que garante um novo domínio.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCN, 1998) identifica muito bem essa importância dos livros e da leitura para as crianças, mesmo ainda pequenas.

Na Base Nacional Curricular (documento atualmente discutido, que compete em estabelecer os conhecimentos essenciais que os estudantes brasileiros têm o direito a ter acesso) a leitura também surge como facilitadora, aprimorando sua compreensão da linguagem verbal.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempo e lugares que

não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa, nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na constituição da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Os ganhos que a criança terá com os livros e com diferentes histórias serão infinitos e importantíssimos para toda sua vida, assim como evidencia Abramovich (1999, p. 17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

No entanto, o amor pelos livros não é coisa que surge de repente. É necessário ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Seja uma nova ideia, uma nova descoberta, seja ampliar o seu horizonte. Uma coisa é certa, as histórias que os pais contam e os livros que pais e filhos leem juntos formam a base do interesse em aprender a ler e gostar dos livros.

Os primeiros contatos da criança com os livros devem acontecer desde muito cedo para que o gosto pela leitura se dê de uma forma prazerosa e atraente e não obrigatória e desinteressante. É importante que a criança comece a manusear os livros ainda, em casa, e que a leitura em sua vida seja constante e viva, para que ela descubra a importância, os cuidados e o prazer de se ler um livro, ainda pequena. Sendo assim, a leitura será algo inerente e indissociável da sua vida e não uma atividade chata, desgastante e associada à escola.

O RCN (1998) da Educação Infantil enfatiza que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma formação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável

e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (RCN, Vol. 3 p. 143).

A casa, a família, os pais são os primeiros a incentivar a criança: o adulto que pega uma criança no colo e canta cantigas, lê histórias, folheia um livro ou revista, está colaborando bastante para o gosto pela leitura. A criança percebe desde cedo que o livro é uma coisa boa, que proporciona prazer. Ela aprende a valorizar aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo, conforme a citação a seguir:

É na infância pré-escolar que se formam as atividades fundamentais diante do livro. A criança que toma contato com o livro pela primeira vez ao entrar na escola, costuma associar a leitura com a situação escolar, principalmente se não há leitura no meio familiar. Se o trabalho escolar é difícil e pouco compensador, a criança pode adquirir aversão pela leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola. É conveniente então que o livro entre para a vida da criança antes da idade escolar e passa a fazer parte de seus brinquedos e atividades cotidianas (BARKER e ESCARPIT, 1975, p. 122).

Notamos, com isso, que a capacidade de ler e o gosto pela leitura estão ligados intimamente à motivação e aos estímulos que a criança recebe. Ela, desde muito pequena, deve se sentir estimulada e motivada; seja vendo os pais lendo revistas ou jornais, ou contando alguma história para ela dormir, seja manuseando algum livro mesmo não sabendo ler. Os pais que já têm o hábito de ler jornais ou revistas estão contribuindo para que seus filhos se tornem bons leitores.

Neste sentido, Sandroni e Machado (1998), afirmaram que a leitura deve ser um hábito, deve ser também uma fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos encarados como uma imposição do mundo adulto.

A hora de ler um livro é a hora de partilhar, rir de verdade. Que seja e faça pensar em coisas novas, informe, faça brincar com as mãos, olhos e ouvidos. O importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez. É preciso respeitar as pausas, perguntas e comentários naturais que a história possa despertar.

Para que uma história prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas

emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente que a perturbam.

A escola ao escolher um livro deve se basear tanto no aspecto, quanto no informativo para que possa instigar a criatividade do aluno. Outro fator preponderante durante a escolha é o conteúdo e a forma como o mesmo será trabalhando em sala de aula.

Segundo Góes (1991, p. 23):

Os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância. Assim é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e ao seu interesse; facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos...

O escritor deve ter a liberdade de criação porque é ela que dará as dicas para o crescimento do leitor, e com auxílio do livro e particularmente do livro infantil, poderemos influir sobre a vida estética, ética e afetiva da criança.

3.2 - A importância dos livros de história para educadores

A criança usa muito a imaginação e as histórias são portos de onde partem suas viagens. As histórias também são importantes para abrir novos horizontes à criança. Tudo que ela escuta fica guardado e floresce quando você menos espera. Tudo que fica guardado, floresce quando menos esperamos, sendo expresso por meio de palavras novas, ou, por exemplo, relatando que tem medo do lobo como a Chapeuzinho. Contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo.

Para Vigotski (2009) a imaginação é toda ação ou experiência anterior que o cérebro conserva e reelabora como atividade criadora, ou seja, toda atividade criada a partir da capacidade de combinações de nosso cérebro.

Sendo assim de extrema importância os contos de fadas em sala de aula para que esses contos fiquem guardados na memória das crianças, pois em um determinado momento elas empregarão para uma atividade criativa.

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do

mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.(VIGOTSKI, 2009, p.14).

Para qualquer fase, uma história bem contada é muito importante, porque atende a uma necessidade do ser humano: o encantamento com uma obra de arte. Quanto se fala de histórias, o encantamento vem da sonoridade das palavras, da magia dos seus diferentes significados, da entonação de quem conta, da surpresa, do susto, da própria estrutura da narrativa que é sempre instigante, sedutora.

A criança se identifica com a história. Para cada momento que a criança está passando há uma história, com isso, ela sente-se segura, como se o livro fosse um conforto. Se a criança está habituada a ler, ela sente prazer em manusear um livro e, em ouvir uma história. De acordo com Ziraldo: “Ler é o mais importante, Ler é tudo, é conhecer, é ver, é sentir, é tudo”.

Primordial, a educação infantil é uma fase encantadora. Proporcionar bons livros nesta etapa favorece o desenvolvimento cognitivo das crianças, estimulando a criatividade, a imaginação, o poder de argumentação. Enfim, o gosto pela leitura.

Segundo Martínez (2004) a criatividade é uma potencialidade com a qual o homem nasce, suscetível a ser estimulada ou desenvolvida em maior ou menor grau em função do meio no qual o indivíduo vive.

Na educação infantil é importante que as crianças tenham que experimentar as mais diversas formas de aprender e poder vivenciar diferentes situações para que possam levar as experiências para seu processo imaginativo, e os livros, os contos vêm cheios dessas novas experiências, novos horizontes, onde elas podem enriquecer ainda mais as experiências pessoais. Conforme evidencia Vigotski (2009, p.22):

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constituiu o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela.

Os livros de história são muito importantes para abrir horizontes e para o desenvolvimento cognitivo da criança. No entanto, para que esse crescimento seja efetivado é necessário que surja um encantamento com a história, que estimule a criatividade e a fantasia.

De acordo com Alencar, Bruno-Faria e Cols (2010, p. 13) a criatividade é um fenômeno psicossocial, cuja expressão é fruto tanto de características do indivíduo, quanto do seu ambiente social ou ecossistema.

A criança encontra conforto e segurança à medida que ouve a história e se identifica com ela. Os livros infantis devem atender às necessidades fundamentais da infância. Os assuntos escolhidos devem corresponder aos interesses das crianças, auxiliá-las com novas descobertas.

Rogers (1959 apud ALENCAR, BRUNO-FARIA e COLS, 2010) sinaliza o papel da sociedade na atividade criativa, possibilitando à pessoa liberdade de escolha e ação além de estimular o potencial para criar do indivíduo.

Em muitas escolas os livros ficam fechados na caixa ou trancados nos armários da diretoria ou acabam enfeitando a estante dos professores. O objetivo de chegar à mão do aluno prazerosamente acaba não sendo atingido.

O desinteresse, às vezes, dá-se porque os professores não foram sensibilizados, não são professores - leitores, não exercitaram a emoção de ler e sonhar. Mas, supomos que se eles\nós participássemos de mais experiências de leituras (saraus, oficinas, círculos literários, leituras etc) nos redescobriríamos pessoas mais sensíveis, e leitores em potencial. A partir daí, poderíamos motivar ainda mais nossas crianças.

Vemos então que a formação continuada dos professores é de extrema importância para que seja resgatado o hábito de leitura entre eles e seus alunos.

Sandroni e Machado (1998) ressaltam o papel da família e da escola, no processo contínuo para o desenvolvimento do hábito de leitura:

É ponto pacífico que o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura se faz num processo constante que se inicia na família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo, através das influências recebidas da atmosfera cultural de que ela participa. (SANDRONI; MACHADO, 1998, p.59).

Para desenvolver a leitura nos alunos é necessário preparar os profissionais e, para isso é preciso ter investimentos e, o essencial é que os

educadores saibam da importância da leitura e se atualizem, lendo mais livros e despertando o senso crítico nos seus alunos.

Segundo Barker e Escarpit (1975, p. 116):

Para o fim que temos em vista aqui, consideramos que só a leitura direta, sem mediador, é a leitura no sentido pleno. É a leitura silenciosa que mobiliza todas as capacidades da pessoa e que é uma atividade criadora no mesmo sentido do escrever.

O educador que investe no mundo da leitura não encontrará barreiras para proporcionar um ambiente que estimule a leitura prazerosa em todas as oportunidades e não apenas uma obrigação.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (1998), ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimente a imaginação e desperte o prazer pela leitura.

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-las com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças. Esclarece ainda algumas condições essenciais que devem estar presentes em uma escola para favorecer as práticas da leitura: dispor de um acervo em sala com livros e outros materiais; organizar momentos de leitura livre; possibilitar às crianças a escolha de suas leituras e o contato com os livros; possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa.

3.3 - Interesses das crianças pelos contos de fadas

O interesse vem do encantamento. Como já mencionamos, a criança se identifica por ser uma história real que traz segurança, envolve o mistério, a fantasia. Por mais que já conheçam o fim da história, sempre querem ouvir um pouquinho mais. Os contos envolvem uma realidade que não é a deles: príncipe, princesas, reinos, animais, castelos, bruxas.

Conforme esclarece Bettelheim, (2002) o conto de fadas procede de um modo conforme segundo o qual a criança pensa e experimenta o mundo e é por isso que ele é tão convincente para ela.

O autor também afirma que os contos de fadas geram alívio de pressões, de momentos difíceis e trazem o benefício de ajudar a resolver os problemas, como acontece nos contos de fadas que trazem ao seu final a expressão “Felizes para sempre”.

Para que o livro seja interessante para as crianças Sosa (1978 apud PAIVA e OLIVEIRA, 2010) aponta quatro elementos essenciais para que as histórias permaneçam instigantes e insubstituíveis, quais sejam: o caráter imaginoso, o dramatismo, a técnica do desenvolvimento e a linguagem.

Os contos nunca perdem seu encanto ou seu fascínio, pois as crianças estão sempre em busca do fabuloso, do mágico, do encantamento de tudo o que lhe faz dar asas a imaginação.

A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados. (Carvalho, 1989, apud PAIVA e OLIVEIRA 2010).

O drama tem sua importância na literatura infantil dialogando com o mundo interior das crianças, com os seus sentimentos como, o medo, a insegurança e, posteriormente, ajudando a superar os conflitos e estabelecendo o equilíbrio para o seu desenvolvimento. “A natureza e intensidade dessas emoções podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva”. (MEIRELES, 1984, p. 128 apud PAIVA e OLIVEIRA, 2010, p. 26).

A linguagem na literatura infantil deve ser simples, mas também não deve desprezar a capacidade de leitura das crianças, ou seja, o simples não é ser banal. “Quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída”. (SOSA, 1978, p. 39 apud PAIVA e OLIVEIRA, 2010, p. 26).

Percebemos que os contos de fadas são encantadores para as crianças por sua simplicidade. Sua linguagem simples e repleta do fabuloso e

da magia, trazendo as crianças para esse mundo irreal que os fascina e as ajudam na resolução de conflitos.

3.4 - O professor leitor

Muitos professores já trabalham histórias e contos de fadas em sala de aula e em bibliotecas. Há bons projetos de leitura em algumas escolas públicas e particulares. No entanto, sabe-se que a maioria das escolas ainda tem uma situação precária nesse sentido.

Porém, alguns professores não têm consciência da importância dos contos e nem estão preparados para trabalhar com eles. Muitas vezes por falta de interesse, e também por ser um assunto “pouco importante”, o qual não é passado para os professores, que em boa parte só têm conhecimento dos contos de fadas pela televisão, nos filmes da Disney; no entanto, esses filmes estão acabando com o real significado desses contos, modificando-os, deixando-os sem conteúdo, sem o seu real sentido.

O interesse depende do educador comprometido com a educação e que investe em seu conhecimento, principalmente aquele que entende a importância da Educação infantil.

Sabemos que, alguns professores não estão preparados para trabalhar os contos de fadas com as crianças, nem têm consciência da importância da leitura na vida das crianças; falta interesse para buscar aperfeiçoamento e coisas novas para seus alunos. Podemos enfatizar que muitos professores já trabalham com os contos de fadas, no entanto, que a situação ainda se encontra precária. A falta de motivação de uns não deve ser empecilho para aqueles que acreditam no poder transformador da imaginação humana, por isso, investir neste tipo de literatura é acreditar nos sonhos e que a humanidade “pode viver feliz para sempre”, mesmo que isso seja uma ilusão do humano, por vezes, necessário em tempos de guerra e intolerância como os hoje.

Abramovich (1999) salienta que a leitura na sala de aula está em defasagem pela falta de conhecimento dos professores pela literatura infantil.

Por muitas vezes esses professores delimitam os livros quais as crianças farão a leitura durante o ano letivo. Esses professores não reconhecem a importância de deixar cada criança manusear, escolher, ter o primeiro contato com o livro para que possa ser feita a escolha da leitura.

Sandroni e Machado (1998) explicitam que para compra e empréstimo de livros as crianças sempre são os melhores juízes.

Quando uma criança se depara a uma literatura repleta de moralismo, automaticamente se desmotiva a permanecer fazendo a leitura.

Nesta lógica, o professor é considerado figura dominante e guardião do saber. O aluno é vencido pelo ambiente escolar, sendo peça a ser moldada conforme a visão do adulto. É obrigado seguir o que o professor determina, O uso da literatura infantil restringe ao serviço do processo de manipulação da criança, cumprindo o papel de transmissor de conhecimento conforme o desejo do adulto. O professor, figura dominante, utiliza a literatura infantil para transmitir normas de obediência e bom comportamento. (PAIVA e OLIVEIRA, 2010, p. 27).

A escola também tem um papel fundamental para o desenvolvimento da criatividade dos indivíduos como, por exemplo, criar um ambiente em sala de aula favorável, reservar tempo para o pensamento criativo. (FLEITH, 2007 apud CAVALCANTI, 2009).

Antes de o livro ser interessante ou relevante para o professor, ele deve ser interessante para os alunos, a leitura feita por escolha e sem prazos e é muito mais proveitosa, as crianças aprendem no seu momento de aprendizagem.

No que cabe ao governo não falta interesse. Falta é prioridade e política de continuidade. Já houve vários programas de estímulo à leitura, como Ciranda de livros e Biblioteca na escola, criados pela União. Mas todos descontínuos e com uma agravante: falta de profissionais preparados para lidar com os livros.

O professor tem um papel fundamental para o processo criativo das crianças como afirma Martínez (2006, p. 85)

A criatividade no processo de aprendizagem tem sido trabalhada fundamentalmente a partir do processo de caracterização dos alunos

criativos, dos estudos sobre as representações que os professores têm da criatividade dos alunos...

Torrance (1962, 1963 apud ALENCAR, BRUNO-FARIA e COLS, 2010, p. 22) explicita que professores são capazes de avaliar as habilidades criativas dos estudantes, desde que recebessem descrições adequadas do comportamento criativo.

Dessa maneira percebemos que é feito pelos professores o julgamento subjetivo dos seus alunos, à medida que apresentam características dos indicadores de criatividade.

Um desses indicadores de criatividade é a procura de informações e realização de atividades que vão além do solicitado pelo professor. (MARTÍNEZ, 2003, p. 193 apud MARTÍNEZ, 2006, p.86).

Desta maneira observamos que o professor tem o papel de estimular a criança olhar para novos horizontes, procurar outras fontes de informações e conhecimento, assim os alunos cada dia ficaram mais independentes não precisando da figura do professor para delimitar as leituras realizadas durante o ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as mesmas emoções que tiveram da primeira vez.

Esse encantamento por essas histórias se dá porque as crianças vivenciam nelas sentimentos e emoções que são passados através dos diversos personagens. Tais personagens dramatizam situações do dia-a-dia ou as relações entre as pessoas que são identificadas e percebidas diretamente pelas crianças. Também através das histórias, as crianças ampliam seus conhecimentos, pois seu enredo retrata formas diferentes de pensar, agir e ser.

Percebemos, então, que a leitura é fundamental, havendo, assim, a necessidade de iniciá-la desde cedo, a fim de contribuir para o desenvolvimento de leitores mais críticos que veem nos livros uma atividade prazerosa. Para que o livro prenda a atenção da criança deve despertar sua curiosidade, mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação, ou seja, ajudá-la a desenvolver seu intelecto, reconhecer suas dificuldades e sugerir soluções para seus problemas.

Os contos de fadas são histórias que, embora sejam antigas, promovem nas crianças esse desenvolvimento pleno de aguçar o interesse e a imaginação. Seu enredo possui personagens e uma estrutura simples que favorecem a identificação das crianças com os contos e ajudam-nas na resolução dos conflitos internos que estejam enfrentando no momento.

Percebemos que os educadores podem estar mais preparados para trabalhar contos de fadas com crianças, se tiverem conhecimento da importância que os contos de fadas têm para o desenvolvimento infantil.

As escolas além de contarem com profissionais não tão interessados, por desconhecimento no geral, enfrentam também a falta de investimentos. As crianças são afetadas diretamente, pois ficam impossibilitadas de estarem em constante contato com os livros. Para isso são necessários profissionais qualificados, empenhados e comprometidos com a educação, para que a mesma seja prazerosa, com consciência, experiência e diversificada, que torne o

livro uma fonte de prazer e enriquecimento para o desenvolvimento essencial da criança. Particularmente, os contos de fadas.

PARTE III

PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao concluir o curso de Pedagogia pretendo continuar contribuindo com ajudando a transformar e melhorar a qualidade da educação. Tive uma formação que me proporcionou muita reflexão acerca da nossa educação oferecida tanto na rede particular quanto na rede pública. Com isso pretendo continuar estudando e passar no concurso para professora da Secretaria da Educação do Distrito Federal e atuar na educação infantil que foi onde mantive meu foco e me realizei pessoalmente durante os estágios que fiz na graduação. O desejo de pertencer ao quadro de professores da Secretaria de Educação não é apenas pela estabilidade financeira, mas também porque acredito que os professores que trabalham nessa Instituição tenham mais autonomia para colocar em prática o que aprenderam e no que acreditam.

Ao longo da minha trajetória almejo fazer pós-graduação na área de psicopedagogia, para entender mais e ajudar meus possíveis alunos que tenham dificuldades de aprendizagem. Não planejo sair da escola, quero estudar mais para que possa ajudar a todos que precisarem. Acredito na melhoria da educação do nosso país. Parafraseando Paulo Freire, tenho consciência de que não mudarei a educação sozinha, mas posso fazer a diferença na vida de algumas crianças e elas fazerem a diferença na vida de outras pessoas e, assim, mudarmos a nossa educação e por consequência mudarmos nosso mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- ALENCAR, E. M. L. Soriano de; BRUNO-FARIA, M.de F.; FLEITH, D. de S. **Medidas Criatividade**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ARIÈS, P. (1981). **História Social da Criança e da Família**. – Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981.
- BARKER, R. E.; ESCARPIT, R. **A Fome de ler**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas - Editora, 1975.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** – Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.
- _____ (2015). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários da Educação. Governo Federal. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base nacional comum curricular**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC APRESENTACAO.pdf>. Acesso em 27 de novembro de 2015.
- CASHADAN, S. **Os 7 Pecados Capitais nos Contos de Fadas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CAVALCANTI, M. M. P. **A relação entre motivação para aprender, percepção do clima de sala de aula para a criatividade desempenho escolar de alunos do 4º ano do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã**: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CHISTENSEN, P. Lugar, espaço e conhecimento: crianças em pequenas e grandes cidades. In: Müller, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

GÓES, P. L. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed., 1995.

LEE, N. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança. In: Müller, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

MITJÁNS MARTINEZ, A. O outro e sua significação para a criatividade: implicações educacionais. In: SIMÃO, Livia Matias; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. (Org.) **O outro no desenvolvimento humano- diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2004.

_____ Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem. Uma relação necessária? In: TACCA, M. C. V. (Org.). **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Editora Alínea, 2006.

Müller, F. **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA, A. A. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22 – 36, jan – jun. 2010.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**. 3 ed. São Paulo: Mc Grau – Hill do Brasil. LTDA, 1979.

PROUT, A. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: Müller, F. (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A Criança e o Livro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 132 – 148, ago. 2009.

STEINER, R. **Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação**. 2 ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.

TRIVINOS, A. N. S., 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S., 1986 – 1934. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. São Paulo: Ática, 2009.